

CARTA DO
LÍBANO

Ana
Cândida
Moisés,

DIRETORA
DE SOLUÇÕES
DE MARKETING
DO LINKEDIN
AMÉRICA LATINA

Claudia Matarazzo

Tatiana
Rizkallah Nahas

Maria Lúcia
Atique Gabriel

Silvia Antibas

Silvia Nasrallah

Solange Morani
Massad

Silvana Mattar

Gladys Maluf
Chamma

Maria Cristina
Rizkallah Alves

Ana Lúcia
Kaercher Piccoli

Ana Cristina
Villaça

Marcia Zugaib

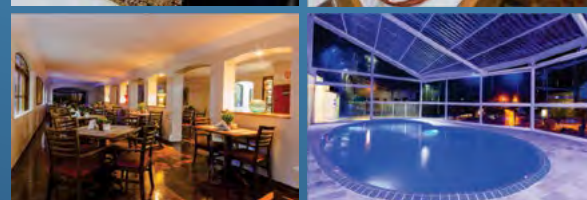
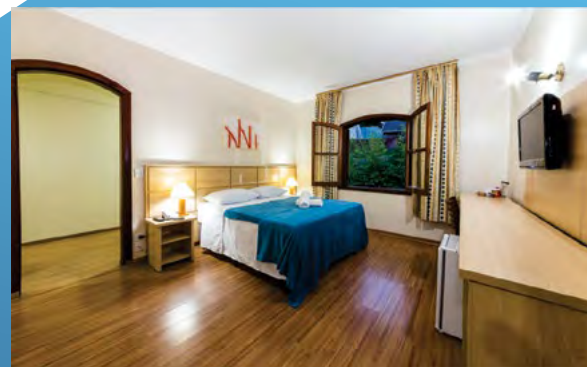
Eliana Zugaib

Carol Gattaz

ESPECIAL

mulheres inspiradoras **1**

Exemplos de força, resiliência e solidariedade para tempos de crise



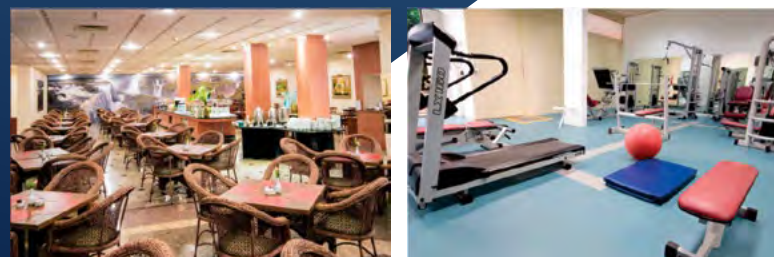
reservas@eurosuihotelcampos.com.br
(12) 3663.7179 - 3663.7189 - 3663.7224
Av. Emílio Ribas, 100, Capivari

FAÇA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

FOZ DO IGUAÇU



**HOTEL GOLDEN PARK
INTERNACIONAL FOZ**



reservas@goldenparkinternacionalfoz.com.br
Reservas +55 (45) 3521-4100
Rua Almirante Barroso, 2006, Centro
Foz do Iguaçu - CEP 85851-010

www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
ANA CÂNDIDA MOISÉS
FOTO
VIVIAN KOBLINSKY

CAROS AMIGOS,

E stávamos em processo de finalização de mais uma edição de **Carta do Líbano** quando fomos atingidos pelos efeitos da pandemia que no momento assola o planeta. Perplexos diante de estatísticas alarmantes e de um futuro imediato nebuloso, seguimos os protocolos de prevenção estabelecidos pelas autoridades da Saúde: mãos lavadas e distanciamento social.

O trabalho, porém, prosseguiu. E o tema da edição, uma homenagem à força e ao poder das mulheres, foi nossa principal motivação para não esmorecer, redigindo e editando perfis de personalidades de diversas áreas - educação, cultura, esporte, empreendedorismo, negócios, direitos humanos - contando suas histórias de sonhos, ideais, muita dedicação, amor e conquistas.

Advogadas, médicas, diplomatas, empresárias, professoras, jornalistas, designers... Cada uma nos serviu de exemplo e inspiração. Assim nasceu a edição Mulheres Inspiradoras I. Os nomes foram surgindo, enriquecendo a pauta e rendendo material para mais de uma edição. Por isso, vêm aí no próximo mês as Mulheres Inspiradoras II.

Juntas elas traçam um belo retrato de charme, garra e resiliência. E com aquela “estranha mania de ter fé na vida” - como diz o poeta- que une libaneses, sírios e brasileiros.

Saúde a todos e até a próxima edição.



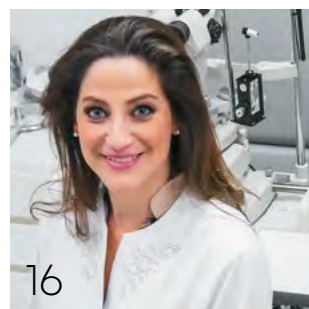
FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

CARTA DO
LIBANO

ANO 25 • NÚMERO 175 • 02&03.2020



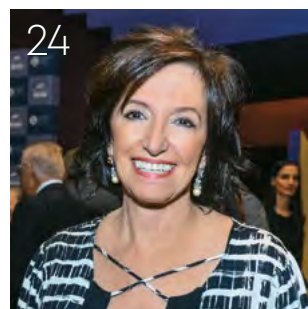
16



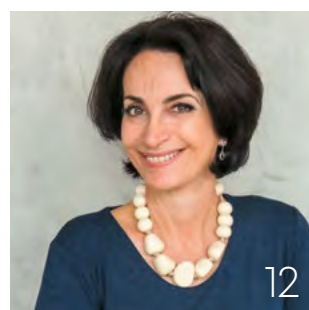
60



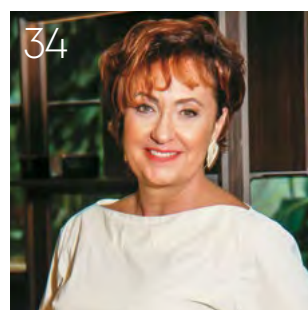
46



24



12



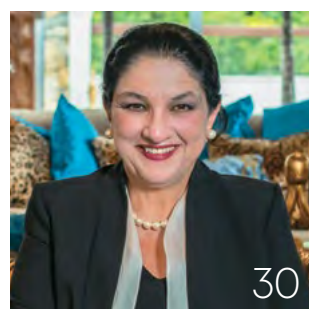
34



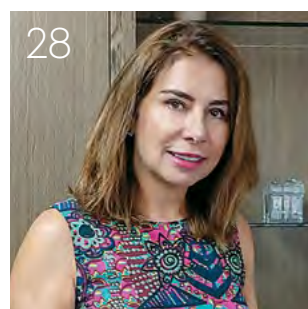
56



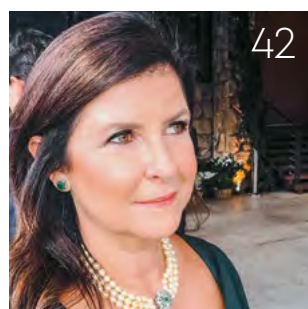
38



30



28



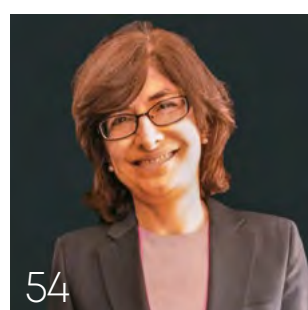
42



50



20



54



08

06 | Cartas

08 | Ana Cândida Moisés
Legado ancestral, conexão digital

12 | Claudia Matarazzo
A excelência das boas maneiras

16 | Tatiana Rizkallah Nahas
De corpo e alma

20 | Maria Lúcia Atique Gabriel
Educar é uma missão

24 | Silvia Antibas
A aventura cultural, dos imigrantes aos refugiados

28 | Silvia Nasrallah
Alma libanesa, com certeza

30 | Solange Morani Massad
O direito feminino e plural Solange

34 | Silvana Mattar
Referência em design de interiores

38 | Gladys Maluf Chamma
Questões de família

42 | Maria Cristina Rizkallah Alves
Ação social como fator de mudança

46 | Ana Lúcia Kaercher Piccoli
O aroma dos cedros nos Pampas

50 | Ana Cristina Villaça
A dona do mundo

54 | Marcia Zugaib
Investindo no futuro

56 | Eliana Zugaib
Uma educação sólida, uma intuição e a mente aberta para encontrar e conhecer outros povos e culturas, além do suporte familiar, fizeram dela uma figura de destaque no Itamaraty

60 | Carol Gattaz
A vitoriosa herança ancestral



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR U\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 95 · CONTA CORRENTE 21114-1

CARTAS

Caro Fouad,

“Recebi uma coletânea da revista Carta do Líbano do meu amigo Osmar Chohfi.

Quero te dizer, como neto de libaneses que chegaram aqui em 1917, ter ficado muito orgulhoso e feliz ao ver um veículo que prestigia e divulga a história destes verdadeiros heróis que ajudaram a construir este País.

A história dos imigrantes, libaneses e de outras nacionalidades, é uma saga que não pode ser esquecida e a Carta do Líbano preserva e conta esta história.

Um abraço com admiração.

Andrea Matarazzo
São Paulo, SP

Caro Fouad,

“Escrevo para parabenizá-lo pela edição da revista Carta do Líbano. Agradeço a matéria sobre o Mário Chamie, meu saudoso e estimado pai.

A sua atenção e dedicação são exemplares. E muito obrigada também pela gentileza de me enviar as revistas. A matéria ficou muito bonita e tanto eu, como, tenho certeza meu pai que deve observar lá do céu, estamos orgulhosos, gratos e felizes. Outra coisa que me deixou muito contente foi estar na edição em que a capa é o Roberto Duailibi, grande amigo da família Chamie, figura querida e amada por nós, para além de sua extraordinária carreira. Portanto, agradeço de coração e desejo-lhe um excelente 2020!

Lina Chamie
São Paulo, SP



Caro Fouad,

“Acabo de receber a revista. Felicito-o pela apresentação e qualidade dos textos.

Raul Cutait
São Paulo, SP

Caro Fouad Naime

“Ontem a APL reiniciou suas atividades. Foi um sucesso a revista. Parabéns! Está excelente!

Tomamos conhecimento de que os ancestrais de Mauricio de Sousa também são libaneses! Numa próxima edição, seria bom contemplá-lo. Ele é um confrade muito especial. Grande abraço. Venha nos visitar uma quinta-feira, das 17 às 18 horas.

Renato Nalini, presidente da Academia Paulista de Letras
São Paulo, SP

Prezado Fouad Naime

“Agradeço os exemplares da cuidada edição especial da Carta do Líbano sobre os descendentes de libaneses que integram a Academia Paulista de Letras.

Agradeço, em especial as páginas dedicadas a mim. Com os votos de vida longa e de progresso à revista. Aceite meus cumprimentos.

Célio Debes
São Paulo, SP

Parabéns à Carta do Líbano

“E ao seu editor, jornalista Fouad Naime, pelas duas primorosas edições de número 173, na qual aparece na capa o publicitário Roberto Duailibi, e 174, tendo à couverture o embaixador Osmar Chohfi.

A primeira mostra uma ampla reportagem sobre a Academia Paulista de Letras, da qual Duailibi, com justiça, é destacado membro. A outra, para além do perfil do diplomata Chohfi, traz ótimas histórias de personagens da vida brasileira, de todas as épocas, originários do Líbano e da Síria. Merece destaque, sobretudo, um texto, de grande atualidade, no qual o arcebispo em Beirute da Igreja Ortodoxa de Antioquia, dom Elias Audi, intransigente defensor dos direitos humanos, justifica o apoio aos jovens que protestam no país contra o desemprego e condena o fundamentalismo islâmico que o Hezbollah tenta impor ao Líbano.

Albino Castro
São Paulo, SP

Prezado Fouad,

“Leio e releio seu texto em torno do Massaud e me emociono porque muito simples e verdadeiro na expressão da magnitude de sua pessoa que não renegou as origens e, como brasileiro, cultuou as Letras de seu País!

Maria Antonieta Moises
São Paulo, SP

Ana Cândida Moisés

Legado ancestral, conexão digital

Profissional ligada ao mercado digital desde que a internet era “o negócio do futuro”, ela se destaca no setor que mudou tudo. E vê na influência dos antepassados libaneses o link que a levou ao sucesso

Alta executiva do LinkedIn, a rede social direcionada aos negócios e contatos profissionais, Ana Cândida Moisés é descendente de libaneses. Seus avós paternos vieram para o Brasil no início do século passado e ela conta que realmente não pensava no impacto das raízes familiares em sua trajetória profissional. Ao conversar com a reportagem de Carta do Líbano para essa edição, Ana avalia: “Agora me ocorreu que a veia comercial e o prazer em negociar só pode ser influência de meus antepassados”. Esse talento para os negócios ela exerce no atual posto de diretora de vendas da empresa americana para a América Latina, comandando uma equipe de 25 pessoas na sede paulistana e gerenciando parceiros de vendas para a

região hispânica. No momento dedica-se à abertura das operações do LinkedIn México.

“Basicamente vendo publicidade para agencias e anunciantes, mas a escolha na verdade não foi minha”, revela. Formada em Administração pela ESPM, diz que a meta inicial era trabalhar com marketing ou planejamento estratégico. Porém, acabou sendo atraída, em 1999, por um novo mercado de trabalho que surgia na época. “Um amigo de faculdade me convidou para trabalhar na startup de internet que estava montando. Apesar de toda a minha resistência, ele me convenceu a assumir a área comercial de venda de anúncios”, conta. Era o início de um caso de amor entre agências de publicidade, cliente e a internet. Hoje são mais de 20 anos atuando no mercado brasileiro de mídia digital, liderando equipes de vendas, com resultados excepcionais e conquistando



FOTOS: VIVIAN KOBLINSKY

Ana Moisés é executiva do LinkedIn, a rede social direcionada aos negócios e contatos profissionais, na América Latina

Ana Moisés:
conectada com
suas raízes, seu
tempo e o mundo



“Ana faz parte do **Women in LinkedIn**, representando a empresa em eventos direcionados ao desenvolvimento da liderança feminina no futuro”

vários prêmios no setor. Como o Cliq, em 2008, de melhor gerente de vendas das Américas e, quando trabalhou na gigante Microsoft, o Cycle of Excellence Platinum - o mais importante dentro da organização - pelo crescimento excepcional das vendas na região latino-americana no período 2008-2010 e em 2016 como Diretora Revelação já no LinkedIn, além do Club Award em 2016, 2017 e 2018 em função dos resultados excepcionais alcançados na América Latina.

Paulistana, Ana Cândida cresceu em um lar onde se privilegiava o estudo, o conhecimento e os livros. Seu pai, o professor e escritor Massaud Moisés - morto em 2018 - especialista em literatura brasileira e portuguesa, membro da Academia Paulista de Letras, foi um dos intelectuais mais influentes em sua área no país, no século passado.

Aos 48 anos, ela declara já ter passado daquela fase em que se tem de conciliar rotina profissional e familiar. “Sou apaixonada pelo que faço e meu trabalho sempre esteve em primeiro lugar”, diz. É mãe de um filho de 24 anos: “Costumo dizer que meu filho será feliz na exata medida em que eu for feliz e, para mim, a felicidade passa por ser bem-sucedida e realizada. Meu filho não só entende isso como me admira”, declara.

Terminou em dezembro de 2019 seu segundo mandato como presidente do IAB (Interactive Advertising Bureau) Brasil, onde teve papel importante na adequação do mercado nacional ao GDPR (Regulamento Geral de Proteção de Dados), trabalhando em estreita colaboração com o governo Federal no desenvolvimento dos termos do regulamento no país, lançado no ano passado e atualmente ocupa a posição de presidente do conselho. O IAB capacita as indústrias de mídia e marketing a prosperar na economia digital. Dele fazem parte cerca de 650 empresas líderes de mídia e tecnologia realizando pesquisas críticas sobre publicidade interativa, além de educar marcas, agências e a comunidade empresarial em geral sobre a importância do marketing digital.

Para ela, o sucesso profissional tem a ver com a segurança e convicção empregadas em tudo que faz na vida, resultado do legado recebido de uma

família calorosa e unida. “A mesa farta, a alegria em receber as pessoas só pode ser explicada pelo fato de ser uma família libanesa”, resume.

Consciente da importância do engajamento em trabalhos focados no social, Ana Cândida faz parte do Women in LinkedIn, representando a empresa em eventos direcionados ao desenvolvimento da liderança feminina no futuro, ela acredita que tem a missão de auxiliar com que outras mulheres se assim o desejarem possam alcançar altos cargos e crescer em suas carreiras. Segundo ela a segurança das mulheres passa por garantirmos sua independência financeira e ter uma carreira ou serem empreendedoras é o que possibilitará que isto aconteça. Ana Cândida acredita ainda que as mulheres precisam desenvolver a autoconfiança e que muitas vezes elas próprias por serem muito exigentes consigo mesmas acabam por não crescer profissionalmente e não assumir riscos.

Desde 2018, integra o Conselho Nacional de Regulamentação da Publicidade (Conar): “Como parte do Conselho de Ética, gerenciamos as reclamações de consumidores, autoridades e associados e garantimos o direito de defesa aos responsáveis pelo anúncio. Quando provado ser uma reclamação, como conselheiro, tenho a responsabilidade de recomendar a alteração ou suspensão da veiculação de anúncios”, explica. E deixa claro: “Não se trata de censura, mas de garantir que o direito do consumidor seja respeitado, a concorrência seja leal e a propaganda preze pela ética”.

Engajada, empoderada, atuante e dinâmica, Ana Cândida Moisés vive bem longe de qualquer zona de conforto. Uma mulher conectada com suas raízes, seu tempo e o mundo. Seu dia a dia não tem o menor traço de rotina aborrecida e ela se desloca por várias cidades em uma agitada agenda profissional. Porém, curiosamente, nunca esteve no país de seus ancestrais. Mas possui sua visão particular: “Imagino o Líbano como um lugar que foi a Suíça do Oriente e, infelizmente, foi destruído pela guerra”. Na verdade, ela se define orgulhosamente como uma brasileira, libanesa por parte de pai e italiana por parte de mãe, Maria Antonieta Raimundo. ■

Claudia Matarazzo

A excelência das boas maneiras

O espírito agregador e afetivo libanês se uniu ao refinamento europeu em Claudia Matarazzo. O encontro perfeito faz dela uma especialista em etiqueta e cerimonial nesses tempos de convivência digital

Manuais de etiqueta sempre foram fundamentais para nossa civilização, com suas regras e procedimentos adequados para a vida em sociedade. Porém o mundo mudou nas duas primeiras décadas deste século e o que valia socialmente ontem, pode não caber ou parecer impróprio nos dias de hoje. Claudia Matarazzo sabe muito bem disso, afinal é uma das maiores especialistas no país quando o assunto é etiqueta. Jornalista, cerimonialista, consultora e palestrante, ela nasceu em um dos clãs mais emblemáticos e economicamente poderosos no Brasil do século 20, a família Matarazzo, e desde cedo experimentou a vida nos salões rarefeitos da alta sociedade, o que um dia se chamou *grand monde*.

O primeiro Matarazzo a chegar no país vindo da Itália, foi o conde Francesco, que no final do século 19 fundou em São Paulo o que viria a ser o maior complexo industrial da América Latina. Fortuna e poder aproximaram a família de alguns dos nomes mais importantes - e igualmente poderosos - do mundo inteiro. A realeza europeia, por exemplo, hospedava-se na imponente mansão da família, na avenida Paulista, quando visitava o Brasil. Claudia presenciou não só toda essa féerie social, como era um dos poucos alunos do colégio inglês St. Paul's, onde estudou com filhos de diplomatas e executivos estrangeiros, fazendo amizades e conhecendo os hábitos e costumes de diversos países.

O que poucos sabem é que ela também possui raízes libanesas. O pai, Matrazzo, era italiano, e mãe libanesa. Os avós maternos eram Wahibe Chamma e Michel Khoury. “Por parte de minha avó, a família era de Wej al-Hajar, no Líbano, e de meu avô, de uma



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Claudia Matarazzo é jornalista, cerimonialista, consultora e palestrante



Claudia Matarazzo com a rainha Rania, da Jordânia, no aeroporto de Amã

“O mundo pode estar globalizado, mas as lembranças e o sentimento humanos não. Eles são únicos, regionais e devem ser respeitados e cultivados”

pequena cidade chamada Amik. Meu bisavô foi padre e meu avô chegou aqui aos 19 anos, indo direto para a faculdade, onde se formou dentista”, conta Claudia.

Antes de optar por uma carreira em etiqueta social e corporativa, ela teve um longo período profissional na mídia. “Sou jornalista de formação e comecei trabalhando na Editora Abril, onde permaneci por 9 anos. Depois foram mais de 20 na TV, apresentando programas de entretenimento, musicais, talk shows e sempre voltados para a cultura”, relata. “Em um período de 40 anos atuei em diversas frentes”, diz experiente.

Nos últimos 25 anos dedicou-se a área de comportamento, fazendo da etiqueta o assunto principal. Escreveu 20 livros sobre o tema, sendo o primeiro de 1992. “Hoje, basicamente sou professora e consultora de etiqueta social, cerimonial e corporativa e social”, descreve. “Aprendi que a etiqueta foi criada por pura praticidade, porque com regras tudo fica mais simples de ser executado”, ensina.

Esse caminho a levou até a política, tendo sido chefe do cerimonial do Governo do Estado de São Paulo por sete anos, durante as gestões José Serra, Alberto Goldman e Geraldo Alckmin. “Deixei o governo em 2013 e, de lá pra cá, me dedico a palestras em todo o Brasil e aos cursos on-line em meu portal”, informa Claudia. São variados os assuntos abordados, com entrevista de emprego, eventos corporativos e a atualmente tão necessária etiqueta nas redes sociais.

Segundo ela, as mudanças sociais chegaram para ficar, mas é preciso “resgatar o convívio real e não apenas incentivar o relacionamento virtual”, acredita. “A etiqueta hoje é uma ferramenta profissional, algo que diferencia um profissional do outro”, chama atenção. “Vamos, inclusive, realizar um fórum nacional de etiqueta em São Paulo, no mês de agosto, para discutir os diversos aspectos de todas essas mudanças”.

Na verdade, a noção de etiqueta social pode até parecer um tanto quanto supérflua, porém Claudia Matarazzo a encara como uma aliada do dia-a-dia, essencial e facilitadora na comunicação interpessoal, utilizada para aproximar os povos e para se

estabelecer um denominador comum de respeito: “Algo muito importante hoje em dia”, sentencia.

Ao mesmo tempo, ela observa que o momento global é muito mais democrático. Explica: “Não existem mais classes sociais. Ou pelo menos não deveriam existir. O dinheiro que se faz no trabalho propicia a entrada das pessoas em um universo que antigamente, por uma condição de ‘nascimento’, elas não poderiam pensar em entrar. É claro que o dinheiro feito muito rapidamente requer uma imersão nas muitas formas de se relacionar com diferentes pessoas, culturas e grupos”. É aí que está o papel da etiqueta, na vivência cotidiana e em situações específicas, como em uma recepção de casamento ou em um almoço de negócios com alguém de uma cultura diferente. “A etiqueta é uma ferramenta poderosa, não apenas para nos dar segurança, mas também para ajudar a aproximar as pessoas do que realmente interessa”, faz questão de frisar.

Claudia afirma que as lembranças mais caras à uma pessoa vêm das tradições e de sua identidade cultural. “Sempre se vai lembrar com carinho da comida típica de onde se cresceu ou aquela dada pelos pais. Lembro até hoje da primeira vez que comi um Maamoul, ainda hoje um dos meus doces árabes favoritos, que me foi oferecido pela dona Evelyn Nader, uma querida amiga de minha avó”, exemplifica. Da mesma maneira, a maioria de nós guarda boas recordações dos dias festivos e religiosos e, finalmente, da maneira como somos acolhidos - com cumprimentos e saudações. Isso é extremamente importante para que uma pessoa perceba que seu interlocutor está tentando atravessar uma ponte que leva diretamente ao coração, pois são atos que despertam a memória afetiva, caso ele mostre respeito e conhecimento delas.

“Daí a importância de se estudar outras culturas e cultivar o respeito pela diversidade de costumes. O mundo pode estar globalizado, mas as lembranças e o sentimento humanos não. Eles são únicos, regionais e devem ser respeitados e cultivados como um importante aliado para embelezar a vida e fortalecer os vínculos”, diz a expert Claudia Matarazzo com toque de elegância que a faz se destacar no trabalho e na vida. ■

Tatiana Rizkallah Nahas

De corpo e alma

A médica Tatiana R. Nahas acredita que há uma razão especial para ter escolhido o ramo da Oftalmologia. Sensível, observadora e atenciosa, ela enxerga o ser humano por trás de cada paciente

Um dilema se apresentou para Tatiana R. Nahas quando prestou vestibular para Medicina. Ela se perguntava se era mesmo sua escolha ou simplesmente havia sido influenciada pela família, que considerava a carreira como profissional da saúde a melhor opção. “Minha mãe, que era muito inteligente, me colocou para fazer uma orientação profissional, porque eu também gostava muito de comunicação e marketing”, recorda.

Durante a orientação, ela descobriu a importância da comunicação em Medicina. “Não adianta ser a melhor profissional do mundo, se não souber se comunicar com o paciente”, argumenta. Decidiu-se por utilizar o talento para a comunicação dentro da Medicina, o caminho profissional que realmente a realizou.

A influência familiar também contou ao escolher a especialização médica: “Meu pai é gastrocirurgião do hospital Sírio Libanês, assim como meu irmão, e meu tio é urologista. Tenho um primo cirurgião plástico geral e outro é otorrinolaringologista. Meu tio-avô era cirurgião

geral. E meus professores da Santa Casa, onde me formei, me aconselhavam a seguir clínica geral, por ser muito hábil ao conversar com os pacientes. Cheguei a considerar pediatria, mas cheguei à conclusão que era ela vontade de ser mãe”, reflete a médica, que ainda não tem filhos.

Finalmente conversou com amigos que haviam se especializado em oftalmologia e fez a escolha, especializando-se cuidados com a pálpebra, segmento que envolve questões estéticas e funcionais. “Às vezes, um paciente tem um dos olhos mais fechado do que o outro e é preciso simetrizar. Ou a pálpebra é virada para fora ou para dentro, raspando no olho, e temos que reposicionar. Também recebo pacientes com lesões tumorais na pálpebra e tenho que reconstruir a mesma. Trata-se de uma subespecialidade que acaba sendo muito feminina, muito delicada”, explica.

Tatiana descreve os olhos como a porta da alma. “O olho me leva até a pessoa. É impressionante. Muitos pacientes dizem que eu deveria ser terapeuta, ser coach”, diverte-se. Ela garante que tudo tem a ver com sua sensibilidade aguçada, mas também com a experiência profissional que, através do exame oftalmológico, consegue



FOTO: DANIELLA TINEL MANZANO SALEANA

Tatiana Rizkallah Nahas é chefe do Serviço de Plástica Ocular da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

Tatiana vive sua melhor fase como profissional e mulher, até começou a surfar



FOTO: TALLEES ISHII

“ Não adianta ser a melhor profissional do mundo, se não souber se comunicar com o paciente ”

colaborar para um diagnóstico de pressão alta, diabetes ou outro problema de saúde.

Chefe do Serviço de Plástica Ocular da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Tatiana participa como palestrante em diversos congressos na área de Oftalmologia e ministra cursos de formação para médicos e de especialização para oftalmologistas. É paulistana e se orgulha muito de suas raízes sírias. Seus avós paternos eram imigrantes vindos de Homs, e os maternos filhos de imigrantes naturais de Alepo. Ela não conheceu o avô paterno, Carlos Nahas, que faleceu muito cedo, deixando viúva a avó, Albertina Narchi Nahas, cuidando dos quatro filhos: Sergio - seu pai - Jorge, Roberto e William. “Ela cuidou da família sozinha, era uma mulher muito forte”, conta, lembrando-que o casal de comerciantes da 25 de março chegou a ser proprietário de uma ótica. Dois irmãos se tornaram médicos e os outros formaram-se em Engenharia. “Eram pessoas simples que progrediram muito formando belas famílias”, observa.

O avô materno de Tatiana, Salim Rizkallah, era filho do célebre Jorge Rizkallah, importante representante da imigração síria em São Paulo. Ele casou-se com Alice, também filha de imigrantes. Rosemarie, mãe de Tatiana era psicóloga e tinha três irmãos: Eduardo, Teresa e Mario.

Na Medicina Tatiana diz ter aprendido a valorizar a saúde e reconhecer a fragilidade humana: “Quando ficava um pouquinho mais orgulhosa por algo que havia realizado, via pessoas doentes e então voltava à humildade. Durante minha residência, vi uma menina da minha idade que estava cega! Cheguei em casa e comeci a chorar. A Medicina te dá um tapa na cara todo dia”, declara sem meias palavras. Ela também fala sobre a doença da mãe, quando ainda era muito jovem: “Tive de cuidar de minha mãe no início da adolescência. Era uma doença neurológica grave e foi piorando, passou anos doente. Ela faleceu há quatro anos e eu acompanhei seu sofrimento dentro de casa”, diz com tristeza, porém sem mágoa. “Na época, cheguei a me vitimizar muito. Mas hoje agradeço, por ter me tornado quem eu sou”, afirma.

Para ela, a Medicina vai além do tratamento do corpo. Conta que certa vez atendeu um paciente, um homem, queixando-se de um lacrimejamento constante. Depois de realizar os exames e não encontrar a causa do problema, Tatiana lhe perguntou se estava acontecendo algo mais sério em sua vida. Ele então lhe contou que tivera de vender o negócio ao qual dedicou sua vida e havia perdido um filho. “Eu falei: ‘o senhor está chorando. Está triste. Isso vai melhorar. Com o tempo o senhor vai parar de chorar’. E lhe receitei um tratamento clínico. Ser médica é um pouco isso também, enxergar e confortar as pessoas”, acredita.

Solteira, a médica é muito dedicada ao pai e aos irmãos, com quem se encontra todos os finais de semana. “Nunca achei que estaria na melhor fase da minha vida como mulher”, garante. Até começou a aprender a surfar. “Quero focar em qualidade de vida. Quero ter tempo para construir minha família. Fazer atividade física todos os dias, levar uma vida leve, continuar trabalhando e viajando, claro!!!”, resume.

Inclusive já esteve no Líbano e se surpreendeu muito com o país, onde se sentiu parte do lugar. “A beleza natural é incrível. E sabe o que foi mais impressionante? Quando eu ia dormir, palavras em árabe vinham na minha cabeça e eu nem sabia o que significavam. Ouvia todo mundo falando em árabe o tempo todo, mas tentava me comunicar em inglês, um pouco de francês, as pessoas começavam a falar comigo, mas voltavam para o árabe... Tentava prestar atenção e não entendia nada. Quando as palavras voltavam à noite, era como se fizessem parte de mim. Lembrava da infância, quando ouvi meu avô, minha avó, meu pai falando árabe...”, admira-se.

As raízes árabes são parte de seu dia-a-dia. Além de operar no hospital Sírio-Libanês, frequenta o Clube Monte Líbano e muitas de suas amigas são da colônia síria e libanesa, assim como alguns pacientes. E ressalta a importância da família: “Somos muito unidos. Meus irmãos e eu temos uma cumplicidade muito bonita, assim como o meu pai tinha com os irmãos dele”, conclui. ■

Maria Lúcia Atique Gabriel

Educar é uma missão

À frente de prestigiosa instituição de ensino superior, Maria Lúcia Atique Gabriel cultiva, ao mesmo tempo, a paixão pela Educação - herdada dos pais - e a dedicação à comunidade. Tudo exercido, com muito amor, junto ao marido e os filhos

“**F**ui educada nos princípios do estudo e da estrutura familiar”, diz Maria Lúcia Atique Gabriel sobre a formação recebida dos pais, renomados educadores da região de São José do Rio preto, cidade onde nasceu há 68 anos.

“Em minha juventude, um dos princípios básicos foi a vontade de superar desafios. E, na vida adulta, também de acordo com os ensinamentos de meus antepassados, tive certeza de que a vida pode ser escuridão se não houver vontade para vencer, porém a vontade é cega se não houver sabedoria e a sabedoria vã, se não houver trabalho. Por último, o trabalho é vazio se não houver amor a um propósito”, conceitua.

Advogada, matemática, pedagoga e economista, Maria Lúcia elegeu a educação superior como foco de vida. Descendente de libaneses, ela valoriza muito a influência dos antepassados sobre as escolhas que fez na vida. “Minha família veio de diferentes regiões do Líbano: Zahle, Dhour el-Choueir, Jedaidat Marjayoun e Hasbaya”, conta.

Por isso, um de seus projetos é em breve conhecer o Líbano, o país dos cedros que guarda a cultura milenar de um povo.

Mãe de dois filhos, o cirurgião cardiovascular Edmo Atique Gabriel e o cirurgião vascular Sthefano Atique Gabriel, ela soube conciliar a vida familiar com estudos e trabalho. Além de várias graduações, fez pós em Direito Processual Civil e Econometria pela PUC-SP e também em Matemática Aplicada, pela Unesp São José do Rio Preto- SP.

“Durante muitos anos meu ramo de atuação foi a advocacia, em conjunto com a docência superior nas disciplinas de Estatística, Matemática Aplicada e Cálculo”, conta. Até o final da década de 1980, ocupou cargo diretivo nas Faculdades Integradas Riopretenses - atual UNIRP - fundada por seus pais, o médico e professor Halim Atique e a professora Yvette Gabriel Atique.

Seguindo a trajetória dos pais, na década seguinte Maria Lúcia fundou uma instituição de ensino superior própria, a União das Faculdades dos Grandes Lagos (Unilago), em sua cidade natal. Lá



FOTOS: CESAR MELLO BECHARA

Maria Lúcia Atique Gabriel é advogada, matemática, pedagoga, economista e elegeu a educação superior como foco de vida



Como descendente de libaneses, Maria Lúcia valoriza muito a influência dos antepassados nas escolhas que fez na vida

implantou cursos em várias as áreas de formação, inclusive Medicina, disponibilizando diversos cursos “latu-sensu”.

“Procurei seguir a orientação de meus pais e consegui transformar a Unilago em uma instituição de ensino de projeção regional e estadual. Nunca me esqueci da máxima libanesa segundo a qual a educação nos leva à liberdade, independência e realização profissional”, ensina. “Igualmente sigo o pensamento do escritor libanês Gibran Khalil Gibran, que disse: ‘a sabedoria do conhecimento é a única riqueza que os tiranos não podem expropriar’. Um dos grandes ensinamentos em minha formação libanesa é lutar para transformar cada indivíduo em um verdadeiro cidadão”, orgulha-se. Maria Lúcia também é a fundadora das Faculdades Integradas de Três Lagoas, na cidade de mesmo nome em Mato Grosso do Sul.

Mas ela deseja ir além: “Meu foco hoje é a construção de um hospital universitário com 200 leitos inicialmente, em São José do Rio Preto, para a formação dos acadêmicos em Medicina e outras áreas da Saúde. Este hospital tem como finalidade servir a população riopretense que irá contar com tecnologia avançada e tratamento humanizado. Será o Hospital Universitário Professor Doutor Halim Atique, em homenagem a meu pai, graduado em Medicina na Universidade do Brasil na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro”, revela com entusiasmo. Maria Lúcia ressalta que, na década de 50, seu pai mudou com família para os Estados Unidos, com a finalidade de cursar uma especialização em Gastroenterologia na Universidade da Pensilvânia, na cidade da Filadélfia, tendo sido discípulo do renomado Prof. Dr. Henry Bockus.

Todas essas iniciativas são empreendimentos familiares, onde Maria Lúcia realiza o trabalho em conjunto com seu marido, o professor Edmo Gabriel - engenheiro, administrador, economista e profissional em ciências contábeis, além de seus dois filhos médicos. “Dessa forma, conseguimos unir a convivência profissional com o ambiente familiar, buscando sempre o empreendedorismo e o desenvolvimento das atividades profissionais com muita retidão”, finaliza. ■

Um dos grandes ensinamentos em minha formação libanesa é lutar para transformar cada indivíduo em um verdadeiro cidadão

CONHEÇA A

UNILAGO

infraestrutura completa, diversos cursos em todas as áreas do conhecimento, corpo docente qualificado em uma faculdade.

4

conceito institucional
na última avaliação de
recredenciamento

+60

cursos presenciais
graduação e pós-graduação

+90

laboratórios dentro
ou próximo ao campus



(17) 3354.6001
S. J. DO RIO PRETO - SP

UNIÃO DAS FACULDADES DOS
GRANDES LAGOS
nada supera o conhecimento

conheça nossos cursos
www.unilago.edu.br

Silvia Antibas

A aventura cultural, dos imigrantes aos refugiados

Descendentes de libaneses e sírios, a historiadora Silvia Antibas é diretora cultural da Câmara do Comércio Árabe Brasil. Ela promove o encontro da diversidade de uma civilização milenar com a exuberância tropical brasileira

Perguntada sobre sua nacionalidade, Silvia Antibas é categórica: “Sou toda mediterrânea. Filha da Grécia, da Turquia, da Síria, de toda a região”, detalha. Na verdade, a historiadora é natural da cidade de São Paulo. Sua mãe, Alice Cury Antibas, descende de libaneses de Marjayoun. Seu pai veio de Antioquia, que pertencia à Síria, mas hoje é território turco. “Meu pai se chama Fatala Antibas. Antibas é um antigo nome grego, porque foi da Grécia para a Síria”, conta.

Por conta dessa ligação com os povos antigos, a paixão pela história foi despertada nela ainda na infância. “No colégio, fizemos um passeio pelas cidades históricas de Minas Gerais e eu era a única que prestava atenção nas explicações da professora. Adorei tudo aquilo, sempre curiosa sobre as histórias daqueles lugares”, recorda. Mais tarde, quando estudava no Colégio Dante Alighieri, uma excursão à

Europa aguçou ainda mais sua curiosidade sobre as origens dos povos. “Quando decidi estudar História, lembro que todo mundo estranhou. Mas meu pai disse que se era a minha vontade, então estava tudo OK”, recorda.

Ela conta que as histórias de família também sempre a interessaram, afinal o pai, como bom árabe, gostava de contar episódios dos antepassados. Silvia não só ouvia atentamente, como questionava tias e tios sobre suas origens. “Historiadores são pessoas muito curiosas”, define.

Os estudos passaram a ficar mais sérios quando começou a pesquisar sobre As Grandes Navegações, o que a levou a se especializar na História das Imigrações, sobretudo dos povos árabes. “Sempre pesquisei sobre a chegada deles no Brasil, como eram as viagens, porque deixaram seus países de origem, como esse deslocamento se desenvolveu”, conta.

Segundo ela, a imigração árabe no Brasil, comparada à de outros países, teve muito



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Silvia Antibas é historiadora e diretora cultural da Câmara do Comércio Árabe Brasil

A historiadora destaca que os árabes estão presentes em todas as áreas; na medicina, na cultura, na política, na engenharia, nas artes



Silvia atua quase como embaixadora da cultura árabe no Brasil

sucesso no Brasil. “Eles se adaptaram de maneira impressionante. Foram, de certo modo, bem recebidos e paulatinamente se integraram à sociedade brasileira. Muitos vieram com a intenção de ficar e não foi uma comunidade que permaneceu fechada em si mesma. Pouco a pouco foi se abrindo, principalmente em São Paulo. O entrosamento foi natural, porque aqui existiram várias ondas de imigração vindas de diversos países. Uma situação bastante corriqueira na vida paulistana e do estado, que é conviver com outras nacionalidades, como japoneses, espanhóis, portugueses, judeus, alemães, italianos, todos os imigrantes”, analisa.

A historiadora destaca que os árabes estão presentes em todas as áreas; na medicina, na cultura, na política, na engenharia, nas artes. “Em qualquer área de atuação vamos encontrar um libanês ou sírio e isso é impactante. Eu mesma tenho uma pesquisa sobre os árabes na música brasileira e fiz palestras sobre o tema, inclusive no Líbano. É impressionante: desde as marchinhas de Carnaval até a música clássica, passando pelo jazz, sertanejo, rock and roll, em qualquer estilo você vai encontrar alguém de ascendência árabe participando. A integração é quase total”, chama atenção.

Por exemplo, o samba que veio junto com batuque dos escravos africanos também tem seu toque árabe. “Escravos muçulmanos rezavam e cantavam em árabe. Muitos deles, fugindo da escravidão, se refugiaram nos morros cariocas, onde surgiu o samba. A própria percussão do samba tem influência árabe. Portanto, o samba, ritmo tipicamente brasileiro, quem diria, tem influência da cultura árabe! Mesmo antes da chegada dos imigrantes em meados do século 19”, explica com o conhecimento de causa de quem domina a matéria.

Um exemplo mais atual são os cantores de famílias com origens em países árabes, como Fagner e Wanderléa. A família Caymmi tem ascendência árabe: “Eles vieram da Itália, mas a origem é de Aleppo, na Síria, são os Kahymmi”, revela Silvia. Outra artista de origem árabe é o ator Antônio Fagundes, cujo pai era sírio de Damasco, na Síria, sendo que ele também foi casado com uma mulher descendente de árabe, a atriz Clarisse Abujamra.

Na verdade, a influência da cultura árabe no Brasil é muito antiga e remonta aos tempos do início da colonização, muito antes de os próprios árabes virem para o Brasil. “Foi primeiro trazida pelos ibéricos, que tiveram um passado sob domínio mouro. Portugueses e espanhóis sofreram influência árabe na língua, na culinária, na música”, explica.

Na política, a presença árabe está entre presidentes da República, governadores, prefeitos, secretários. “Nessa questão, a comunidade até é sobrerrepresentada”, diz Silvia. “No interior de São Paulo e de todo País é impressionante os descendentes de árabes em todas as áreas. Os mascates entraram Brasil afora e foram se entrosando nas sociedades locais e tiveram capacidade de se sobressair”, reconhece.

Mas foi no comércio onde os árabes mais se sobressaíram e continuam a se destacar. Segundo a historiadora, isso se deve ao espírito empreendedor dos povos árabes. “Vemos isso nos próprios refugiados sírios que chegam hoje aqui. Eles se tornam empreendedores. Não ficaram sentados esperando ajuda. Tiveram algum auxílio da comunidade, mas se viraram. Começaram a vender comida, porque é algo que não precisa de conhecimento da língua portuguesa. Há vários casos de famílias de refugiados que se tornaram empreendedoras aqui e se destacaram, servindo

comidas deliciosas. Muitos já têm até empresa própria”, observa. Isso ocorreu no passado, quando os primeiros imigrantes aportaram no Brasil. “Era outra época e outro Brasil, com muito mais a ser explorado e eles arregaçaram as mangas e foram em frente”, observa orgulhosa de suas origens.

Silvia Antibas esteve no Líbano duas vezes. Em uma delas a convite da Universidade de Saint Esprit de Kaslik, para um encontro sobre a imigração libanesa para América Latina.

No Brasil, ela atua quase como embaixadora da cultura árabe. Tanto em sua carreira profissional na Secretaria Estadual da Cultura, onde trabalhou por 35 anos, como na Câmara de Comércio Árabe Brasil onde é responsável pela vinda de manifestações e elementos culturais dos países árabes. “A ideia é promover e dar destaque à cultura milenar tanto na Câmara quanto na comunidade cultural paulistana. Tento também buscar um pouco da arte contemporânea que se produz naquela região. O objetivo é mostrar além da cultura clássica e do estereótipo. Procuro trazer a produção cultural diversificada que está sendo feita agora por jovens dos 22 países representados pela Câmara”, esclarece.

No ano passado, por exemplo, sob sua curadoria, a Câmara de Comércio Árabe Brasil em parceria com o Instituto do Mundo Árabe de Paris organizou uma exposição da fotografia árabe, no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo. “Eram trabalhos de 14 artistas de 12 países. diferentes. É importante divulgar uma imagem positiva que é ser árabe hoje, combatendo o lugar comum que tomou conta da mídia internacional”, informa. A exposição teve mais de 30.000 visitantes.

Além dos negócios, a missão da Câmara do Comércio Árabe Brasil é unir e conectar brasileiros e árabes através do social e da cultura. “Se você conhece a cultura, o modo como as pessoas vivem, como produzem arte, e entra amigavelmente nesse ambiente subliminar, conhecendo costumes e tradições, é mais fácil inclusive fazer negócios. Daí todo apoio que recebo da Diretoria”, destaca.

“Sinto muito orgulho do meu passado e falo muito sobre minhas raízes. Na minha vida profissional, ajuda a ter a visão do mundo de uma filha de imigrantes. Isso melhora a percepção das diferentes conotações na sociedade brasileira”, conclui. ■

Silvia Nasrallah

Alma libanesa, com certeza

A advogada Silvia Nasrallah concilia profissão e dedicação à família contando com a energia de seus ancestrais

“**E**stive no Líbano quatro vezes e adorei cada uma delas”, diz a paulistana Silvia Nasrallah, lembrando que visitou o país de seus ancestrais, pela primeira vez, em 1971. “É sempre impactante rever as próprias origens”, declara a advogada, mediadora e tradutora juramentada. A primeira vez que visitei o país fui acompanhada por minha mãe, Sallua, e minha tia avó Yaut. Foi muito emocionante presenciar o reencontro de tia Yaut com seu irmão e conhecer os parentes, ouvir as histórias de vida de cada um.

“Meus avós, Bader e Nagib, com seus irmãos Yaut e Gabriel, nasceram respectivamente em Deir Mimas, distrito de Marjayoun, e em Duma”, de onde seguiram a rota dos imigrantes até o Brasil, no início do século 20.

Silvia diz ter herdado da mãe Sallua o apego aos hábitos e tradições libaneses, como o acolhimento familiar, recebendo a todos com muita hospitalidade e mesa farta, traço marcante na cultura árabe.

Casada com o empresário Elie Michel Nasrallah - natural de Beirute, onde viveu até os 18 anos - Silvia passou a conhecer mais profundamente a cultura libanesa e a se interessar por seus aspectos políticos. “Elie é libanês da gema”, conta ela, “ama intensamente seu país natal”. Ele pesquisa e estuda muitos aspectos da história e política libanesas. “Meu sogro, Michel Ayoub Nasrallah, deixou o Líbano em 1967 devido à Guerra dos Seis Dias. Elie chegou aqui muito jovem e

se considera brasileiro também. Kursou Engenharia no Mackenzie, fala português perfeitamente e muitas vezes me corrige”, observa divertindo-se.

Entretanto, apesar da estreita ligação com a alma libanesa, a advogada não vê influência dos ancestrais na trajetória profissional. Depois de ter praticado o ofício de tradutora juramentada e intérprete de conferências, o marido a incentivou a cursar a escola de Direito, onde se especializou na área de Empresas Familiares e Relações de Consumo.

Aos 63 anos, retirou-se da função de tradutora, mas prosseguiu exercendo a advocacia, com ênfase na área de resolução de conflitos direcionada para a mediação empresarial e familiar. Silvia considera a área apaixonante: “Quando há vontade e disposição, pode-se trabalhar na construção de consenso e conseguir ótimos resultados”, declara. Gosta tanto da função atual que viaja anualmente para fazer cursos de especialização nos Estados Unidos e em Portugal.

Conta que a partir do momento em que seus três filhos, Priscilla, Michel e Carla “deixaram o ninho”, passou a se dedicar totalmente à profissão. “Mesmo assim o dia-a-dia não ficou menos corrido”, avisa. “Durante a semana praticamente não tenho vida social, pois não sobra muito tempo. Porém, sempre roubo uns momentos para estar com as pessoas queridas. Gostamos de estar perto dos filhos, receber a família e os amigos. Manter todo mundo próximo e unido”, conclui.

Como ela mesma costuma dizer: Isso é muito libanês. ■



FOTO: FOUAD NAÏME

Silvia Nasrallah é advogada, mediadora e tradutora juramentada em São Paulo

Solange Morani Massad

O direito feminino e plural

Em depoimento pessoal, a renomada advogada carioca fala de suas raízes libanesas, das conquistas profissionais, da vida em família e, sobretudo, da luta pelos direitos da mulher. Uma causa abraçada com paixão

“**S**ou brasileira e libanesa, casada, mãe, advogada e presidente de empresa, nascida em Copacabana, no Rio de Janeiro, e resido na Lagoa Rodrigo de Freitas. Sou neta de libaneses das cidades de Chekka e Daraya que chegaram no Brasil no início do século 20.

Meus pais Odette Morani e o Comendador Cesar Morani se dedicaram à indústria e comércio no eixo Rio- São Paulo, sendo meu pai empresário, advogado, economista e contador e minha mãe professora. Foi meu pai quem me incentivou no estudo de Direito, pela ampla visão da profissão. Minha mãe foi extremamente exigente nos estudos, que considerava o maior patrimônio para toda a vida.

Sou bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Como advogada iniciei minha carreira jurídica fazendo estágios remunerados em renomados escritórios de advocacia e uma paraestatal, até alcançar o cargo de Diretora Jurídica de Empresa. Com anos

de dedicação ao Direito tornei-me, por sucessão familiar, Presidente de Empresa.

Minha carreira jurídica prosseguiu em grupos de trabalho e comissões especiais da OAB Mulher e como Delegada da Comissão de Defesa, Assistência e Prerrogativas da Ordem dos Advogados do Brasil do Rio de Janeiro. Sou vice-presidente da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica do Rio de Janeiro, associação nacional de caráter cultural e integrante da *Fédération Internationale des Femmes des Carrières Juridiques* com assento no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, UNESCO, UNICEF e OIT.

Essas atividades culturais e jurídicas têm as finalidades de efetivar a promoção dos direitos da mulher, conscientizar as mulheres de seus direitos e deveres como cidadã, promovendo a elaboração de teses de caráter jurídico e social sobre a mulher na legislação nacional e internacional.

Com tantos compromissos profissionais, tenho o meu melhor momento como mãe da também advogada - Master in Law da Fundação Getúlio Vargas - dra. Silvia Odete Morani Massad, minha especial



FOTOS: GIOVANNA FRANGE

A advogada carioca Solange Morani Massad abraça com paixão a luta pelos direitos da mulher no Brasil



A empresária e advogada Solange Morani Massad com sua filha, a advogada Silvia Odete Morani Massad

inspiração e amizade em todos os momentos.

Sou casada com o médico dr. Nabil Massad, membro titular da Sociedade Brasileira de Coloproctologia e membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, também é filho de libaneses da cidade de Marjayoun.

Em uma família de cultura libanesa temos o convívio permanente com nossos familiares no Líbano e no Brasil, onde apreciamos a culinária, a música e os costumes de nosso povo.

A cada viagem ao Líbano resgatamos a nossa origem milenar nas belezas e religiosidade bíblica de nossa terra de diversidade e esplendor no Mar Mediterrâneo, com os cedros, montanhas, mosteiros e o convívio do povo cristão, maronita, ortodoxo, muçulmano e druzo.

Como empresária, advogada e feminista tenho os ideais de justiça social e democracia na busca constante pelo espaço da mulher e pela sua efetiva participação em uma sociedade predominantemente patriarcal. Como brasileira e libanesa me orgulho de representar o país de meus antepassados no Brasil e no exterior.” ■

“A cada viagem ao Líbano resgatamos a nossa origem milenar nas belezas e religiosidade bíblica de nossa terra de diversidade ...”


ATIQUE GABRIEL
CLÍNICA MÉDICA

Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Orientador de Nutrologia e Longevidade

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo, Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal nas cidades de São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

CONTATOS

www.drgabrielcardio.com.br

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126

Silvana Mattar

Referência em design de interiores

Entre negócios e arte, a paulistana Silvana Mattar optou pelo melhor dos dois mundos. Tornou-se empresária em design de interiores e criou uma família, segundo os altos padrões de seus ancestrais

Do lado paterno ela herdou o espírito empreendedor e o tino para os negócios. Do materno, a veia artística, o olhar e o gosto para ambientes detalhadamente decorados e o design de alta qualidade em móveis e objetos. Hoje, aos 62 anos, Silvana Mattar é o mix perfeito dessas vertentes de talentos, trabalhando como administradora de empresa e designer de interiores para o mercado imobiliário, hoteleiro e corporativo. É também diretora da Associação Brasileira dos Designers de Interiores no Estado de São Paulo. Mulher de sucesso, ela gosta de falar sobre a trajetória profissional iniciada quando ainda bem jovem, uma continuação da história da sua família. Primeiro cursou Administração, fascinada pela atividade comercial do avô e do pai no ramo de tecidos.

“Meu avô, Fouad Alex Mattar, foi pioneiro no Brasil na fabricação de lenços masculinos de bolso, o ‘fazzolletto’, como se chamava na Itália”, conta. Eram os conhecidos lenços da marca Ingá, “porque ele fez questão de um nome tupi-guarani”, lembra. Mas o sr. Fouad se tornou próspero mesmo na tecelagem que levava seu nome, com produtos feitos à base do algodão egípcio. “Meus avós paternos vieram do Líbano por volta de 1925”, prossegue relatando. “Minha avó Emilie Boutros era de Beirute e meu avô, de Hasbaya”. O casal já tinha uma filha que permaneceu na terra natal enquanto eles se estabeleciam no Brasil. Aqui nasceram: Alex, Chafick e Emile Mattar, o pai de Silvana. Das lembranças paternas na infância, ela destaca: “Nas férias de criança, eu corria entre os teares, enquanto meu pai me explicava cada detalhe da produção. Gostava de ver tudo funcionando e também de brincar de secretária dele”.



FOTOS: MARTA SANTOS

Silvana Mattar é designer de interiores e diretora da Associação Brasileira dos Designers de Interiores no Estado de São Paulo

Para Silvana Mattar, a cultura libanesa é revestida de muita poesia, beleza e aromas



“Fiquei impactada pela maneira como o povo libanês se ergueu novamente para reconstruir o que foi destruído nas guerras e guerrilhas”

Havia também a família italiana por parte de mãe. “Era o lado artístico deles que me encantava”, diz Silvana. “Minha mãe fazia pinturas a óleo sobre tela. Herdou o talento do meu avô, que era desenhista. Ela gostava de decoração, sempre dava um toque diferente na arrumação de casa, que era diferente de todas as outras. Fazia bolos artísticos maravilhosos e também minhas fantasias para as festas da escola, que até me renderam prêmios de originalidade”, orgulha-se. Começou a exercitar esse talento artístico a partir de 1978, aos 20 anos, quando se casou com Antônio Haddad Filho. “Fiz a decoração do nosso apartamento com a ajuda de um profissional que me apresentou o mundo do Design de Interiores”, revela e acrescenta: “o apê virou um case na época”. Amigos do casal iam visitar, gostavam do que viam, sentiam-se bem no ambiente e assim começaram a surgir os primeiros pedidos para que ela executasse projetos de decoração. “Logo fiz uma pós-graduação em Design de Interiores e mais tarde, com as minhas filhas Nicole e Daniele mais crescidas, cursei a pós em Empreendedorismo e Hotelaria de Luxo”, conta.

A partir dos anos 1980 estabeleceu escritório próprio, com foco no mercado de lançamentos imobiliários, trabalhando com incorporadoras, na época do boom dos condomínios resort. Segundo ela, “a faculdade de Administração me deu a visão empresarial para estruturar equipes com bons profissionais e saber delegar”. Acredita que por isso conseguiu conciliar bem vida profissional e pessoal: “Quando elas eram bebês, as levava para o escritório e sempre construí estratégias para que fossem independentes no futuro”, faz questão de frisar. O esforço valeu a pena e hoje Nicole é advogada com mestrado em Direito Empresarial. Enquanto Daniele, formada em moda e gastronomia, atua como consultora para marcas do mercado fashion nacional. “Sei que, entre acertos e erros, consegui passar a elas um exemplo de luta e dedicação, uma referência para suas trajetórias como profissionais, esposas e mães”, declara. As filhas lhe deram três netos: Beatriz, Leo e Guilherme, além de Pedro, que está a caminho.

“Procuro estar muito próxima dos meus netos, a parte mais incrível e deliciosa da vida. Desde jogar futebol com os meninos até levar Bia no shopping com as amigas, e ficar de longe para elas sentirem que já são... independentes”, diverte-se como verdadeira avó coruja.

Na vida pessoal, Silvana encontrou outro amor e um segundo casamento: “Em 1996, Deus me abençoou com Carlos Jafet Junior, meu companheiro, incentivador e mestre em muitas coisas. Com ele, iniciamos uma nova história agregando as duas famílias, filhos e netos”, declara com satisfação.

Finalmente, relata a experiência de ter visitado, mais de uma vez, a terra de seus ancestrais: “A primeira vez que estive no Líbano foi em 1997. Encontrei primas e primos dos dois lados da família, que me levaram para jantar em Jounieh onde, admirando aquela vista maravilhosa, as lágrimas me vieram aos olhos. Tive uma sensação ‘déjà vu’ em todos os lugares. Comecei a entender verdadeiramente nossas raízes, os hábitos, os costumes. A cultura libanesa é revestida de muita poesia, beleza e aromas. A hospitalidade se manifesta no abraço, no beijo carinhoso entre os homens, na educação e respeito aos mais velhos, na culinária, e no valor que se dá em estar junto ao redor da mesa. Tudo é muito especial. Fiquei impactada pela maneira como o povo libanês se ergueu novamente para reconstruir o que foi destruído nas guerras e guerrilhas. É um povo que se reinventa. Também conheci a Síria, antes da guerra, com o mesmo encantamento. Dois países lindos com belezas distintas e incomparáveis. Gosto e me orgulho da minha origem. Meu pai Emile, se dedicou a passar para mim o melhor da cultura libanesa. Aprendi com ele a identificar o Líbano na Bíblia, através dos ensinamentos sagrados. Sírios e libaneses são povos irmãos, na comida, na cultura, nos costumes semelhantes. E, sobretudo, há rastros de toda a História Sagrada, da origem da humanidade, do conhecimento quando Deus se manifestou pela primeira vez ao Homem. Isso nos faz sentir mais próximos do Criador”. ■

Gladys Maluf Chamma

Questões de família

Profunda conhecedora de sua árvore genealógica libanesa, Gladys Maluf Chamma fez do Direito de família profissão, oferecendo a cada caso um tratamento especial e personalizado

Um “escritório-butique”, assim a renomada advogada paulistana Gladys Maluf, define seu QG profissional, fundado há 37 anos. A explicação é simples: especializada em Direito de família - graduou-se pela PUC-SP em 1982 - ela atende cada clientes e cada caso de maneira personalizada. Por isso, em seu portfólio de representação encontram-se alguns dos sobrenomes mais estrelados e poderosos do país. As centenas de casos tratados por ela renderiam um roteiro de série de sucesso, tamanha a riqueza de histórias, sentenças e meandros por onde caminhou para solucioná-los.

Atualmente, Gladys tem atuado em planejamento sucessório, o processo no qual o patriarca ou matriarca direciona o destino do patrimônio a fim de evitar desavenças e disputas entre os familiares após sua morte. “Diferente do testamento, que trata de uma disposição de última vontade e só valerá após a morte, no planejamento sucessório são analisadas formas societárias e fiscais para proteger o patrimônio como um todo, enquanto o autor da herança está vivo e com poder sobre

a administração de seus bens”, como explicou a advogada em entrevista ao programa Amaury Jr.

Nascida em 1959, Gladys Maluf Chamma descende de libaneses e conhece muito bem a genealogia familiar dos ramos materno e paterno. É Maluf por parte de mãe, originários de Baalbek, e Chamma por parte de pai, da região de Wej al-Hajar. “Meu bisavô, Elias Maluf, nasceu em 1880 e era filho de Habib Maluf e Latife Hachich. Minha bisavó, Madalena, também Maluf, era a única filha de Fayad Maluf e Azize”, conta.

Elias chegou ao Brasil com 12 anos, em 1892, e se casou 1908, aos 28, com Madalena de 17 anos. Tiveram seis filhos, sendo o primogênito o avô de Gladys, Eduardo Elias Maluf, que se casou com a argentina, descendente de libaneses, Maria Irma Albaca de Maluf. Seus filhos foram Gladys - a mãe da advogada - Jorge e Nelson. os três já falecidos.

A epopeia familiar ganha ares de grandeza quando ela fala do tataravô, Fayad Maluf. “Um grande empreendedor que enfrentou três grandes crises. A primeira, do arroz, em 1900; a segunda, do tecido, em 1909; e a terceira, do marco alemão, em 1924”, enumera. Em 1918, Fayad comprou na cidade de Wenceslau Brás, na divisa com o Paraná,



FOTOS: MARTA SANTOS

No portfólio de representação da advogada paulistana Gladys Maluf Chamma encontram-se alguns dos sobrenomes mais estrelados e poderosos do país



Descendente de libaneses, Gladys Maluf Chamma conhece bem a genealogia familiar dos ramos materno e paterno

a Fazenda Santa Madalena em nome da empresa de sua propriedade, a Serrarias Reunidas Maluf.

“Era uma fazenda muito produtiva que, além da madeira, também possuía importante plantação de café que chegou a atingir 1 milhão e pés. Entretanto, em 1943, uma geada queimou metade da plantação e minha bisavó, uma mulher forte, passou a cuidar da família e dos negócios”, relata orgulhosa.

Depois disso, em 1921 Fayad adquiriu um terreno na Rua dos Ingleses, próxima à avenida Paulista, em São Paulo. A mansão começou a ser construída em 1924 e a família se instalou cinco anos depois. O terreno tinha mais de 3 mil metros quadrados e o projeto arquitetônico era assinado por Ettore Battisti, “que ele havia conhecido no Marrocos”, informa Gladys. Réplica de um palácio italiano, a mansão abrigou todos os filhos e netos.

Do lado da família Chamma, os bisavós também vieram do Líbano em meados do século 19. Jorge e Fatima (Futina) Chamma foram pais de quatro filhos: Wahiba, Wahibo, o médico Raul, e Ernesto, o avô de Gladys. advogada. “Eles vieram como comerciantes e aqui fizeram fortuna. Assim, puderam educar os filhos criar nas melhores escolas. Os filhos homens cursaram as faculdades de Direito e Medicina e se estabeleceram na sociedade paulistana. Ernesto, meu avô, apesar de ter se formado advogado, tornou-se empresário e industrial. Casou-se com Olga Domingos Chamma, com quem teve dois filhos, meu pai Jorge e minha tia Vera, já falecida, que nunca se casou. Minha mãe Gladys Irma Maluf Chamma”, conta.

“Procuro seguir minha vida pautada pelos ensinamentos que recebi não só da família, mas de toda a comunidade libanesa com quem me relaciono desde o nascimento”, declara a advogada que ainda não conhece o Líbano, mas pretende fazê-lo em breve.

No mais, ela procura conciliar a vida profissional agitada com a rotina familiar. “É necessário um pouco de organização e compreensão entre os integrantes, mas tanto minha filha quanto meu marido também trabalham muito. Então, procuramos nos entender nessa correria”, observa bem humorada. ■

“Procuro seguir minha vida pautada pelos ensinamentos que recebi não só da família, mas de toda a comunidade libanesa...”

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/



Maria Cristina Rizkallah Alves

Ação social como fator de mudança

Inspirada por seus antepassados imigrantes, a economista Maria Cristina Rizkallah Alves uniu-se a um grupo de mulheres decididas a fazer a diferença para quem mais precisa e no futuro do país

“**L**ogo que entrei na faculdade de Economia, na PUC-SP, aos 17 anos, comecei a trabalhar nos negócios da família e ao longo dos anos aprendi e me desenvolvi em diferentes atividades”, conta a paulistana Maria Cristina Rizkallah Alves, descendente de sírios. Aos 59 anos e com longa experiência profissional, ela reconhece como fundamental a presença de uma família unida e acolhedora no crescimento pessoal do indivíduo. “Cresci em um ambiente de muito trabalho em atividades de naturezas diversas”, lembra.

Filha de um empresário da construção civil e de uma pedagoga formada pela USP, Maria Cristina conviveu tanto com o lado empreendedor da família quanto com os questionamentos e reflexões do pensamento intelectual. Segundo ela, os dois lados se uniam pela força da “cultura

árabe, extremamente formadora, pois tem como fundamento principal a unidade da família e ensinamentos bastante claros sobre respeito ao próximo, ética e valores”. Levou esses valores para a vida, estabelecendo sua própria família e uma trajetória profissional onde agregou conhecimento e seguiu o exemplo de pessoas, como ela faz questão de frisar, “extremamente formadoras”.

Portanto, não é simples acaso o fato de hoje, paralelamente ao trabalho como administradora de imóveis e no agronegócio - ao lado dos irmãos, Jorge, Luís, Carlos e Maria Helena, em continuidade às atividades de seu pai - Maria Cristina dedicar grande parte de seu tempo à ação social. “Atualmente minha prioridade é o projeto social que participo no Grupo Mulheres do Brasil”, uma associação apartidária e sem fins lucrativos investindo na transformação do Brasil com ajuda da sociedade civil através da força feminina.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Maria Cristina Rizkallah Alves está totalmente comprometida com o trabalho social e fala com entusiasmo das ações do Grupo Mulheres do Brasil

Para Maria Cristina a presença de uma família unida e acolhedora é fundamental no crescimento do indivíduo



“Somos lideradas pela empresária **Luiza Helena Trajano** e agregamos mais de **40.000** mulheres em **49** diferentes núcleos nacionais e internacionais”

“Somos lideradas pela empresária Luiza Helena Trajano (da rede de lojas de utilidades domésticas Magalu) e agregamos mais de 40.000 mulheres em 49 diferentes núcleos nacionais e internacionais. Nosso objetivo é apoiar causas sociais já existentes, que se alinhem com nossos propósitos em diversos segmentos: educação, cultura, saúde empreendedorismo, igualdade racial e combate à violência contra mulheres, entre outros”, explica. Como líder do Comitê de Saúde, uma de suas metas é a melhoria e valorização do SUS (Sistema Único de Saúde).

A dedicação ao trabalho social reflete a preocupação que vem da experiência vivida pelos antepassados imigrantes: “Eles tiveram de sair de seu país por motivos alheios à sua vontade, por total falta de oportunidades, muitas vezes sozinhos, sem qualquer recurso, como foi o caso de meu bisavô”, diz Maria Cristina.

Rizkallah Jorge Tahan chegou ao Brasil em 1895, vindo de Alepo, na Síria, descapitalizado, mas com uma profissão, era operário de fundição de cobre e conseguiu se estabelecer. Em alguns anos na nova terra, fundou a Casa da Boia e prosperou. O avô de Maria Cristina era empresário e seu pai, Antônio, seguiu o mesmo caminho, mas investiu em inovação. “Ele era engenheiro e acreditava no progresso, no desenvolvimento e trouxe para o Brasil. Eram os anos 1970, época do ‘milagre econômico’ e havia demanda para modernização do parque industrial”, conta a filha. Antônio fundou a Prensil, indústria de blocos fabricados com maquinário de alta tecnologia importado da Alemanha. Em seguida, dedicou-se à criação de gado e ao cultivo de café.

“Minha mãe, Zakie, cuja família síria veio de Damasco, tinha um perfil diferente da família de meu pai, era mais voltada às atividades intelectuais”, revela. Muito voltada para os estudos, formou-se em Pedagogia na USP, fez mestrado e doutorado na área de distúrbio das Comunicações. “Ela foi a companheira fiel de meu pai e nossa casa sempre foi o lugar de reunir toda a família. Aos domingos recebíamos para o almoço, preparado

magnificamente pela minha mãe. Eram primos, tios, parentes de todos os lugares, amigos... Enfim, a casa era lugar de aconchego e aroma de comida árabe”, lembra com carinho.

Casada e mãe de dois filhos adultos - um advogado e uma médica - Maria Cristina Rizkallah está totalmente comprometida com o trabalho social e fala com entusiasmo das ações do Grupo Mulheres do Brasil:

“Realizamos anualmente, com patrocínio da Câmara de Comércio Árabe Brasil e parceria com a Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo, o evento Manhã da Saúde, voltado para o atendimento de saúde gratuito à população vulnerável, refugiados e imigrantes, fornecendo também orientação e informação sobre prevenção, cuidados e atenção com a saúde básica”.

Outra área sob sua supervisão no Grupo Mulheres do Brasil é a da Saúde na Escola, trabalhando com alunos do ensino fundamental da rede pública que apresentam dificuldades no aprendizado, oferecendo reforço escolar e psicológico. Em parceria com a empresa Colgate, o grupo promove ações de higiene bucal e, com a Fundação Rubem Cunha, acontece a triagem oftalmológica com entrega de óculos, além do acompanhamento nutricional para crianças, uma colaboração da Faculdade Anhembi Morumbi.

“Nosso maior propósito é assumir a parte que devemos ocupar na sociedade civil e nos capacitar para promover as mudanças necessárias para que nosso país tenha mais justiça social e oportunidades iguais.

Foi este país que recebeu meu bisavô, aqui ele teve sucesso e estabeleceu sua família”, afirma.

Para ela, os exemplos de coragem e perseverança dos antepassados são motivos de orgulho e incentivam os descendentes dos imigrantes a manter as tradições e os costumes em família. “Sem falar na comida árabe, que é apreciada universalmente, e nos faz conservar o sabor e o tempero à moda de nossos pais e avós”, conclui. ■

*(www.grupomulheresdobrasil.org.br)

Ana Lúcia Kaercher Piccoli

O aroma dos cedros nos Pampas

No trabalho ou com a família, Ana Lúcia Kaercher nunca está longe da vida libanesa. Nascida no interior gaúcho, ela cultiva com fervor a forte influência e as doces lembranças dos antepassados imigrantes e de um clã árabe forte e muito unido

O gosto pelo estudo, pela leitura e uma formação que a estimulou a ser sempre independente acabaram influenciando a advogada gaúcha Ana Lúcia Kaercher Piccoli na escolha da profissão. “Quando comecei os estudos, a cada dia tinha mais certeza de minha opção. Não me vejo fazendo outra coisa”, declara. “Comecei a advogar logo depois de formada, há mais de 30 anos. Meu escritório de advocacia é especializado na área de Direito de Família e Sucessões, Planejamento Sucessório e Direito Civil”, conta. Para ela, a vocação, e empreendedorismo e o foco profissional estão no cerne de sua família libanesa. “O mesmo acontece com meu irmão, um negociante de sucesso desde o início”, compara. O renomado Mattos e Piccoli Advogadas - parceria com a

sócia Laura Mattos - instalado no elegante bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, é referência no segmento. E Ana Lúcia se diz muito orgulhosa quando é procurada por famílias de Santo Ângelo - sua cidade Natal, onde viveu até os 19 anos - para fazer inventários, planejamento sucessório ou atuar em outras áreas do Direito. e à abertura das operações do LinkedIn México.

Além do dia-a-dia no escritório, a advogada é conselheira estadual da OAB/RS, diretora do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul, coordenadora para Região Sul da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica, vice-presidente da Câmara de Comércio Líbano Brasil no estado e pertence ao Instituto Kanoun de Direito Comparado Brasil-Líbano, com sede em São Paulo.

A dedicação ao trabalho é herança de família, faz questão de dizer: “Sempre tive um bom exemplo



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A advogada gaúcha Ana Lúcia Kaercher Piccolina atua na área de Direito de Família e Sucessões, Planejamento Sucessório e Direito Civil



“Sempre tive um bom exemplo de minha mãe, avós e bisavós. Esse núcleo forte se reunia todos dias, durante as refeições”

de minha mãe, avós e bisavós. Esse núcleo forte se reunia todos dias, durante as refeições, às vezes com comida libanesa, que aprendi a fazer, e daí vinham as conversas, histórias, lembranças e projetos”.

O amor pelas coisas do Líbano e pelo país em si é parte do cotidiano de Ana Lúcia. A bandeira libanesa se destaca no ambiente de trabalho, assim como o cedro. São presentes que recebeu quando esteve lá: “Esses objetos sempre representam um início de conversa, leve e agradável, quando os clientes chegam para tratar de assuntos sérios”, comenta.

O sobrenome libanês que vem do lado materno é Baini, família que ainda vive no Líbano e com quem possui forte ligação. “É o sobrenome da minha bisavó. De meu bisavô materno é Dable, mas não localizamos a família no Líbano”. Os bisavós imigrantes chegaram inicialmente em Montevidéu, no Uruguai, mas logo se dirigiram à cidade gaúcha de Pelotas e em seguida estabeleceram em Santo Ângelo, onde abriram um comércio que prosperou e passou a abastecer toda a região. O início do

bisavô Dable no Brasil foi mascateando, como os patrícios costumavam trabalhar na época. Ofício que manteve mesmo depois de ter aberto uma loja, que a família tocava enquanto ele se encontrava em viagens de negócios.

O empreendimento tornou-se a maior loja de tecidos e confecções daquela região do Rio Grande do Sul. Tecidos Kaercher e Dable Ltda, conhecido pelo poético nome de Casa das Sedas.

Ana Lúcia recorda as viagens a São Paulo na juventude, acompanhando a tia Jamile Dable nas compras de mercadoria em lojas, fábricas e confecções de propriedade de patrícios libaneses amigos do avô. “São lembranças muito bonitas. Éramos recebidas como se fossemos da família, todos preocupados com o nosso bem estar, pois vínhamos de tão longe. O carinho, a cordialidade e o abraço são características do nosso povo”, destaca.

Entre os ancestrais há o avô paterno italiano, Laurindo Piccoli, também próspero comerciante e fazendeiro da região. E o avô materno alemão, Nelson Kaercher, sócio do bisavô libanês Luiz Antônio Dable, conhecido como Licheh Dable. Apesar da origem diversificada, foram os costumes libaneses que prevaleceram na família. O pai, José André Piccoli, descendente de italianos, era engenheiro agrônomo, fazendeiro e grande admirador da culinária árabe, empenhado em ajudar na preparação das delícias.

A família Baini - também se escreve Beaini ou Bairy - é original de Barsa, norte do Líbano. Enquanto a família Dable veio da cidade vizinha, Haret El Ghassa. Há uma grande concentração no Rio Grande do sul de famílias oriundas dessa região libanesa. Ana Lúcia lembra que “em Barsa ainda temos a linda casa da família Baini, dos pais da minha bisavó Saida Baini Dable, que chamávamos de vovó Aida”. Segundo ela, a aconchegante casa de pedra continua bem conservada e foi onde ela e a filha Fabiana estiveram hospedadas na viagem que fizeram em 2018. “Era uma emoção muito grande ouvir os ruídos noturnos em Barsa, no mesmo quarto que pertenceu à minha bisavó dormia”. A casa

hoje pertence ao primo Kameel Baini, que recentemente esteve visitando Ana Lúcia em Porto Alegre.

Casada há 25 anos, tem duas filhas: Fabiana, de 21 anos, e Débora, 23. Uma é advogada como a mãe e a outra, estudante de Psicologia. “Como sempre trabalhei perto de casa, faço questão de almoçar com as meninas e meu marido Fábio”, chamando atenção para o fato da capital gaúcha ainda ser uma cidade que permite deslocamentos rápidos.

Ainda sobre as recordações de família, ela conta que os bisavós libaneses tiveram 10 filhos, um verdadeiro clã na pequena Santo Ângelo: “Cresci no meio dos rolos de tecidos e das roupas vendidas na loja em meio as animadas conversas em árabe”.

A asa dos bisavós era ampla, com um lindo pátio, “onde havia canteiros de temperos e muito hortelã, assim como romã e figo”, descreve. O aroma vinha também dos pratos árabes feitos pela avó. “Hortelã, calda de mel e jasmim... E as músicas árabes, que escuto até hoje, eu ouvia sentada no chão com as outras crianças em volta do vovô, quando ele chegava da loja à tardinha colocava seus discos para tocar”, fala com carinho sobre uma infância feliz.

“Meus avós eram muito elegantes. Ele de gravata e chapéu de feltro, minha avó com os cabelos impecáveis e um camafeu, que ganhou mãe, preso no vestido”, ilustra como quem conta um filme ou um episódio das Mil e Uma Noites. Quando eles permaneceram uma temporada de cinco meses no Líbano - a terra distante da qual a avó falava em suas histórias - na volta trouxeram fotos, filmes, presentes, temperos, um narguilé, tapetes, roupas. Essa convivência diária terminou quando os avós morreram e Ana Lúcia tinha 14 anos.

São vários os amigos de origem libanesa da advogada, por isso ela participa de um grupo de “Habibas”, mulheres libanesas que se reúnem mensalmente, além de frequentar a Sociedade Libanesa de Porto Alegre. As filhas também compartilham o amor pelo Líbano e já passaram longas férias por lá. “Débora, minha filha mais nova voltou do Líbano faz um mês e me disse que se tivesse que escolher outro lugar para morar, seria Beirute! Nosso sangue é forte”, orgulha-se. ■

Ana Cristina Villaça

A dona do mundo

Expert em criar os roteiros de viagem surpreendente e exclusivos, no Brasil e no exterior, a empresária Ana Cristina Villaça não conhece fronteiras. Nem para os destinos sugeridos a uma clientela super VIP, nem para o sucesso nos negócios

Botswana, na África; deserto do Atacama, Chile; Dubai, a capital dos Emirados Árabes; a temporada americana de esqui em Aspen, o mundo é uma aventura excitante e uma experiência única para os clientes da empresária Ana Cristina Villaça. Especializada no segmento do turismo de alto padrão, ela foi uma pioneira do setor: “Fundei minha empresa, em setembro de 1987, com o objetivo de criar uma *Luxury Boutique Travel Agency*. O foco eram as viagens segmentadas e de alto padrão com atendimento personalizado, um propósito ao qual somos fiéis até hoje”, define.

Tudo começou quando o faro e a sensibilidade empresarial de Ana Cristina sinalizaram que viajar pela Europa durante 30 dias, visitando 30 cidades, com rápidas pinceladas nas atrações mais óbvias, visitar canteiros de jardins e olhar de relance os grandes museus faziam parte de um modelo antigo de turismo, uma visão ultrapassada. Além dos clientes não mais se sentirem atraídos, eles mereciam algo mais emocionante de acordo com o perfil e a expectativa de cada um.

Para mudar esse cenário, o primeiro passo foi criar um mailing selecionado no qual cada cliente

não fosse tratado apenas como um turista a mais, e sim como um viajante exigente, recebendo somente informações de seu interesse e sugestões instigantes e aspiracionais. “Enviar um programa de snowboard para um senhor de 80 anos ou informações sobre um cruzeiros focado em *wine experience* para um adolescente é contraproducente, um marketing negativo. Nossa proposta é conhecer muito bem o cliente e o produto para fazer sugestões compatíveis que vão ao encontro do que ele busca”, explica Ana Cristina. Assim nasceu a Formula Turismo, agência que hoje é referência no país.

Ana chegou ao Rio de Janeiro, em 1982, e se considera carioca de coração, embora suas origens venham de Minas e Bahia com uma passagem pelo Rio Grande do Sul. “Comecei a trabalhar com turismo aos 18 anos no Rio, a convite de um primo recém-chegado da Bahia. Bastou começar para me envolver totalmente com o setor”, conta. Sua primeira escola nos negócios do turismo foi a Kontik Franstur, empresa de propriedade do Grupo Econômico, na época a maior agência do país Brasil, concentrando o que havia de melhor em produtos e profissionais.

Munida dos ensinamentos adquiridos com especialistas em turismo, Ana Cristina manteve a dinâmica e o foco de sua empresa frequentando



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A empresária Ana Cristina Villaça atua no segmento do turismo de alto padrão no Rio de Janeiro

Ana Cristina Villaça é fundadora e diretora da Formula Turismo, agência referência no país



os melhores eventos internacionais de agentes de turismo em busca de novidades, aperfeiçoamento e, o mais importante, fornecedores locais capazes de realizar com excelência as demandas dos clientes e os programas criados e propostos pela Formula.

Prêmios e reconhecimentos não faltaram nessa trajetória profissional. A empresa teve o maior crescimento das agências Virtuoso no Brasil em 2018. Ano passado recebeu a Medalha do Turismo francês, que veio se juntar à *Commanderie des Côtes du Rhone*, conquistada em 2012, e a medalha da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 2002. Nesse mesmo ano aconteceu a grande festa de 15 anos da agência, comemorados com toda a pompa no hotel Copacabana Palace.

Como a maioria dos empresários, o maior desafio de Ana Cristina é manter o negócio no topo com qualidade e inovação. Segundo ela, a receita é estar sempre envolvida com novos projetos. “Minha família já se acostumou que meu trabalho e minha vida pessoal são uma só”, assume. “Em uma caminhada não muito fácil, o saldo tem sido positivo e me sinto gratificada por ter iniciado um modelo de empresa que hoje é apreciado, valorizado e adotado pelo mercado nos últimos anos”, declara sem falsa modéstia.

Paralelamente aos negócios do turismo, há cinco anos Ana Cristina participa do evento Cantores do Bem para angariar fundos em benefício do Solar Meninos de Luz. A entidade civil e filantrópica é voltada para a educação integral, cultura, esportes, apoio à profissionalização, cuidados básicos de saúde e de assistência social de famílias carentes no Rio de Janeiro.

A propósito, a empresária também tem o projeto pessoal de uma viagem dos sonhos: conhecer o Líbano, terra de seus ancestrais que vieram de Mtain, distrito de Metn, no Monte Líbano. “Estava com a viagem marcada para outubro passado, porém por motivos políticos precisei cancelar, ou melhor, adiada”, ressalva.

Mesmo sem conhecer o país dos cedros, ele se sente totalmente conectada à suas raízes. “Desde criança, mesmo sem saber, essa ligação era muito presente. Gosto da comida libanesa, da mesa farta, dos tecidos, da maquiagem, das joias, da música. Lembro de meu avô comentando que eu era ‘uma verdadeira libanesinha’”, recorda carinhosamente. ■

“Gosto da comida libanesa, da mesa farta, dos tecidos, da maquiagem, das joias, da música”



O LÍBANO
É NOSSA
PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/

Marcia Zugaib

Investindo no futuro

Executiva do mercado financeiro por três décadas, Marcia Zugaib alterna o trabalho como gestora de recursos com iniciativas sociais. Seu foco são mulheres empreendedoras e estudantes

Descendente de libaneses Marcia Zugaib, 59 anos, atua no mercado financeiro há mais de 30 anos, mas é principalmente no apoio a projetos de diversidade que ela encontra realização e resgata os valores de suas origens. Sua mãe, Vera Yazbek, era filha de libaneses de Choueir, região do Monte Líbano, e seu pai, Bechara Zugaib, nasceu em Ain al-Qabou, na região de Baskinta, Monte Líbano. Já Marcia é bem brasileira, nascida em Marília, no interior de São Paulo, e paulistana desde os 13 anos de idade.

Ela se formou em Administração de Empresas, pela Fundação Getúlio Vargas, e trabalha na área de gestão de recursos na gigante do mercado financeiro Goldman Sachs. Marcia garante que a escolha profissional não foi deliberada. “Terminei a graduação em 1981, quando o Brasil estava entrando em recessão, e tive a sorte de ser ‘escolhida’ pela minha carreira”, acredita. Na época, era preciso cumprir um período de estágio antes da conclusão do curso, que ela realizou em uma corretora de

valores. “Acabei me identificando totalmente com o trabalho. Virou uma paixão e fui construindo uma carreira de mais de 35 anos no setor”, conta.

Atualmente, ela se dedica inteiramente à vida profissional e a trabalhos relacionados à diversidade, dividindo-se entre a área de renda variável e em iniciativas sociais. “Na empresa onde trabalho, há vários projetos de diversidade que tenho participado, como o apoio à mulheres empreendedoras (de mentoria), de qualificação em língua inglesa para estudantes - em colaboração com a Universidade Zumbi dos Palmares (também de mentoria) - e de orientação de carreira para estudantes de graduação”, detalha.

Profissional requisitada, Com uma agenda de trabalho mais que preenchida, Marcia ainda não encontrou a oportunidade para conhecer Líbano. Porém, continua mantendo a terra de seus ancestrais como referência e inspiração de vida: “Os valores transmitidos pelos meus pais, de seriedade, persistência, resiliência e atitude positiva no convívio com as outras pessoas e em relação aos fatos a serem enfrentados”, conclui. ■



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A executiva Marcia Zugaib trabalha na área de gestão de recursos na gigante do mercado financeiro, Goldman Sachs

Eliana Zugaib

Diplomata

Uma educação sólida, uma intuição e a mente aberta para encontrar e conhecer outros povos e culturas, além do permanente suporte familiar, fizeram dela uma figura de destaque no Itamaraty

Embaixadora do Brasil na Irlanda, Eliana Zugaib é natural de Marília, interior de São Paulo. Suas raízes libanesas vêm dos pais: Bechara Zugaib, natural de Ain al-Qabou, na região de Baskinta, Monte-Líbano; e Vera Yazbek, brasileira filha de libaneses vindos de Choueir, também no Monte Líbano. Aos 68 anos, a diplomata de carreira falou à Carta do Líbano sobre suas principais atribuições no cargo atual e, sobretudo, do apoio incondicional da família e o profundo impacto da herança libanesa em uma trajetória profissional de sucesso.

“Nos últimos 40 anos atuei na área diplomática e atualmente estou acreditada como embaixadora do Brasil junto ao governo da Irlanda. A escolha pela carreira diplomática foi precoce, porém a decisão de segui-la foi tardia. Desde muito cedo, mostrei traços de personalidade que apontavam para a abertura de novos horizontes, para além dos limites de uma pequena cidade do interior de São Paulo. Desejava algo que me colocasse em contato com diferentes culturas e línguas estrangeiras, instrumentos por excelência para penetrar a fundo na maneira de pensar, de se comportar e de se exprimir de outros povos, para entendê-los e compreendê-los. Sempre tive predisposição e fascínio pelas relações interpessoais, pela busca do consenso, da harmonia e do entendimento, mesmo nas situações cotidianas

familiares. Ainda que nem sempre o lograsse, como acontece no mundo real, e, inevitavelmente, me trouxesse um certo sentimento de frustração, não me resignava e não desistia de perseguir com tenacidade meu objetivo. Nas minhas divagações, tentava transpor essa experiência para o plano internacional, na medida em que me interessava por acompanhar os acontecimentos ao redor do mundo. Nascia, assim, ao mesmo tempo, uma atração pela reflexão e o interesse pela filosofia, fruto de curiosidade intelectual, que me desviaram por algum tempo da ilusão de tornar-me diplomata.

Dediquei-me, então, por alguns anos, ao estudo da Filosofia, a contragosto velado de meu pai, que procurava não interferir em nossas escolhas. Ao contrário, ele nos apoiava em qualquer circunstância, sem perder de vista o rigor da imposição de disciplina quando se tratava de nossa educação. Nessa ocasião, recebi o apoio importante de meu irmão ao incentivar-me a manter a minha escolha que, apenas mais tarde, se revelaria de extrema importância na minha formação, garantindo uma base sólida para que me preparasse em pouco tempo para o ingresso na carreira diplomática. A vontade constante de extrapolar meus horizontes físicos levou meu pai a me proporcionar uma espécie de ano sabático, uma longa viagem para várias partes do mundo, em meio ao meu mestrado em lógica, que permaneceu inacabado. De regresso, recebi o ultimato e o apoio de minha irmã e de meu



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A diplomata Eliana Zugaib é embaixadora do Brasil na Irlanda



Eliana Zugaib: fascínio pelas relações interpessoais, pela busca do consenso, da harmonia e do entendimento

“ **Meu principal projeto no momento é aperfeiçoar e otimizar a prestação de serviços pela embaixada à comunidade brasileira na Irlanda** ”

cunhado, pessoas sensíveis, observadoras dos meus passos, que me alertaram para o fato de que me restava uma única chance de ingressar no Instituto Rio Branco. Naquela época, havia limite de idade para prestar o exame de seleção. Era dezembro de 1979 e os exames começavam em março do ano seguinte. Refleti, estabeleci meu objetivo e dediquei-me obstinadamente aos estudos de preparação para o ingresso na carreira, a que me dedico integralmente até o presente.

Nunca enfrentei dificuldade de conciliar minha vida familiar com a profissão que escolhi. Meu núcleo familiar é reduzido, não tenho filhos e meu marido respeita e compreende o quão importante é para mim dedicar-me prioritariamente ao trabalho. Recebo dele apoio e incentivo incondicionais.

À frente da embaixada do Brasil em Dublin, meu principal projeto no momento é aperfeiçoar e otimizar a prestação de serviços pela embaixada à comunidade brasileira na Irlanda, hoje estimada em aproximadamente 50.000 pessoas, o que constitui um desafio, dados os meios de que dispomos, espaço e equipe reduzidas, porém condizentes com as possibilidades atuais do País. Dentro do mesmo espírito, fazem parte das prioridades do programa de trabalho, entre outras iniciativas, promover a imagem do Brasil, as oportunidades de negócios e de investimentos e os produtos brasileiros, que encontram nicho no mercado irlandês, bem como estreitar a cooperação bilateral, sobretudo nas áreas acadêmica, científica e tecnológica e nos foros multilaterais.

Nunca estive no Líbano, uma lacuna na minha experiência de vida, que pretendo preencher assim que possível. Durante o período em que exerci a função de embaixadora do Brasil junto à UNESCO, surgiu a oportunidade de acompanhar a então Diretora-Geral, Irina Bokova, em visita ao país, por ocasião do festival de Baalbek. Infelizmente, o agravamento da situação de segurança na região, à época, levou ao cancelamento de última hora da visita, o que constituiu para mim verdadeira frustração. Essa foi uma oportunidade perdida, mas, estou certa de que outras surgirão e acabarei por conhecer o Líbano que nunca deixou de fazer parte do meu imaginário.

Não posso deixar de reconhecer o impacto marcante das raízes libanesas em minha vida pessoal

e profissional. No âmbito pessoal, devo grande parte da formação da minha personalidade ao exemplo do meu pai, a quem fui muito ligada e em quem me espelhei em vários aspectos. Posso estar enganada, mas parece-me que o empreendedorismo é algo particular do povo libanês, a obstinação ao perseguir um objetivo claro, sem medir esforços e com a convicção de lograr o êxito almejado. Talvez seja essa uma das chaves do sucesso de grande parte dos libaneses que emigraram para o Brasil na década de 30, como foi o caso da família do meu pai. Embora nunca tenha sido verbalizado, sempre convivemos com o entendimento tácito de que o sucesso é simples consequência da medida certa da determinação e do empreendimento de esforços quando se dispõe dos meios necessários.

Ao mesmo tempo, essa alta expectativa de sucesso em relação a mim e aos meus irmãos não deixava de gerar uma certa pressão que, no meu caso, fez-se sentir nos dois momentos mais importantes da minha vida profissional, o do ingresso na carreira diplomática e o da promoção à classe de embaixadora. De capital importância, e parte da herança que recebi de meus pais, foi também a capacidade de adaptação ao novo, sem perder de vista as próprias raízes. Pude observar a perfeita adaptação de meu pai à terra que o acolheu e lhe ofereceu oportunidades, a ponto de demonstrar amá-la na mesma proporção que amava seu país de origem. Ele me transmitiu, assim, o verdadeiro sentido de patriotismo, de admiração e de amor pelo Brasil, a que sirvo com esse sentimento.

Embora nascida no Brasil e parte da segunda geração de família de imigrantes que chegou no Brasil no final do século 19, minha mãe teve o mérito de aprender a língua árabe e de preservar os costumes particulares de sua herança libanesa, que nos foram transmitidos com esmero, em que incluiu a arte da hospitalidade.

Ao longo da minha carreira, beneficiei-me de contatos privilegiados ao revelar ser descendente de libaneses. Nessas ocasiões, sempre fui considerada como se fizera parte de uma grande família. Tenho certeza de que, se tivesse servido no Líbano, teria tido como diferencial oportunidades de acesso às autoridades locais e penetração na sociedade com grande facilidade em função de minha origem e não apenas da admiração que nutrem pelo Brasil.” ■

Carol Gattaz

A vitoriosa herança ancestral

Campeã nas quadras pela Seleção Brasileira Feminina de Vôlei, a riopretense Carol Gattaz dá continuidade à tradição de sucesso de seus antepassados imigrantes

São duas décadas defendendo o vôlei nacional em torneios por todo o mundo. Caroline de Oliveira Saad Gattaz, ou Carol Gattaz, como é conhecida por torcedores e entusiastas do esporte, é meio de rede da Seleção Brasileira Feminina de Vôlei, tendo participado das campanhas que deram à equipe o World Grand Prix por cinco. “No momento, estamos jogando a Super Liga de Vôlei em nível nacional e o Sul Americano”, informa a campeã em conversa informal com Carta do Líbano. “Quanto ao aspecto físico essas temporadas são desgastantes, mas se superam pela satisfação, determinação e o grande carinho que temos pelo esporte”, completa.

A atleta de 38 anos hoje vive em Belo Horizonte, mas é nascida em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, região conhecida por ter recebido grande contingente de imigrantes libaneses e sírios entre o final do século 19 e início do século passado. Carol Gattaz é descendente desses pioneiros que tanto contribuíram para o progresso e desenvolvimento

do estado de São Paulo, e do Brasil, por seu trabalho e investimentos nos setores de comércio, indústria e agronegócio.

“Meus bisavôs paternos vieram de Hasbaya, sul do Líbano”, conta Carol. Seu avô, Saad Abdalla Gattaz, da primeira geração no país, nasceu no município paulista e Catanduva, em 1921, porém cresceu e fincou raízes em Monte Aprazível, “que ele amou profundamente pelo resto da vida”, faz questão de lembrar. “Foi onde realizou sua missão como pai de família, trabalhador e homem público respeitado por todos”. Saad teve mais quatro irmãos que se dedicaram à agricultura, tornando-se prósperos fazendeiros com plantações de milho, arroz e feijão.

Da grande família libanesa com a qual conviveu durante a maior parte da vida - bisavós, avós, tios e primos - Carol diz ter aprendido e cultivado valores profundos: “Ficaram bem marcados e assimilados em mim a generosidade, a gentileza, os afagos, a amizade, o apreço pela família e pelo próximo”, enumera com orgulho.

Ela conta que o apoio incondicional dos pais e



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Caroline de Oliveira Saad Gattaz, ou Carol Gattaz, como é conhecida pelos torcedores, é meio de rede da Seleção Brasileira Feminina de Vôlei



Carol Gattaz,
campeã nas
quadras pelo
vôlei brasileiro

“Ficaram bem marcados e assimilados em mim a generosidade, a gentileza, os afagos, a amizade, o apreço pela família e pelo próximo”

familiares foi decisivo para o desenvolvimento da carreira no esporte que, desde muito cedo, a fez passar longos períodos longe de casa. “Por isso sempre que possível, consigo conciliar rotina familiar e profissional”, declara.

O esporte a levou para uma série de compromissos pelo mundo afora: “Vietnã, Filipinas, Coréia...Além de ter competido no Japão, China e ter jogado durante toda uma temporada na Itália”, recorda. Nesse período europeu, participou de dois dos mais importantes torneios mundiais de vôlei: Champions League Europe e Campeonato Italiano. A experiência nas quadras e o conhecimento técnico a colocaram no vídeo como comentarista durante os Jogos Olímpicos de Pequim (2008) e Londres (2012), no canal SporTV.

Mesmo com tantas milhas percorridas, Carol Gattaz ainda não foi ao Líbano: “Mas é uma prioridade”, avisa. Afinal, ela reconhece a importância da herança ancestral: “Ela está dentro de mim, em indelévels marcas que fazem parte da minha vida e, direta ou indiretamente, me ajudam a trilhar meu caminho com todas as referências e costumes próprios tão inerentes à cultura libanesa”, conclui. ■



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

MOKKAI
JEANS

Mokkai
seu novo
jeans!

 @mokkaijeans

 mokkai jeans

Rua Xavantes 505 • Brás • São Paulo • SP • Fones: 11 2291.2621 2291. 3242